

REAFIRMAÇÃO E DELIMITAÇÃO DO PAPEL FEMININO NOS LIVROS DIDÁTICOS DOS ANOS 30/40

*Anelise Maria Muller de Carvalho**

Este texto é parte de um estudo¹ que pesquisou e analisou livros didáticos nos anos 30/40. Num contato mais detalhado e minucioso com estes livros apreendi sua diversidade, na medida em que os encontrei para todas as séries e disciplinas do curso primário e ginásial. Pesquisei cerca de 50 livros didáticos, publicados entre os anos 20, 30 e 40, sendo que alguns, por apresentarem mais de 20 edições, foram utilizados por décadas. Estudá-los mais profundamente, traduziu-se em analisá-los sobretudo nos seguintes aspectos:

- a quem se destinavam? (série/curso)
- onde eram utilizados? (regiões brasileiras)
- que conteúdos apresentavam? (temas/aspectos enfatizados, dimensões trabalhados, com que objetivos)
- como esses conteúdos eram apresentados? (metodologias)

Após um longo período de manuseio com estas fontes, restringi meu centro de interesse, detendo-me, de forma mais específica, em livros de leituras, de história do Brasil, de instrução moral e cívica. Contudo, também trabalhei alguns exemplares de higiene e puericultura, e até um livro de metodologia de história. Os livros de leitura eram destinados às séries primárias (1ª a 4ª séries); os de história do Brasil, dividem-se entre os voltados para as séries primárias e os endereçados a séries do curso ginásial; os de higiene eram para as séries primárias; sendo que os de puericultura,

* Mestre em história pela PUC-SP e professora de história da rede pública estadual, atualmente afastada junto à oficina pedagógica da 3ª delegacia de ensino de capital, exercendo a função de assistente de apoio pedagógico em história.

1. Recorte de minha dissertação de mestrado *Pregadores de idéias, animadores de vontades - Livros didáticos nos anos 30/40*. São Paulo, PUC-SP, 1992 (Texto mimeo).

e o de metodologia de história, aos cursos de magistério. A maioria foi utilizada, sobretudo, no estado de São Paulo, que na época constituía a maior rede pública de ensino básico. Porém, muitos foram utilizados em diversos estados brasileiros, conforme está explicitado em suas páginas de rosto.

Os temas explorados nesses livros, através de seus textos e ilustrações, giram em torno de cenas cotidianas e rotineiras do ambiente familiar e escolar; observações de aspectos e seres da natureza; descrições de personagens e acontecimentos históricos, cidades e regiões brasileiras; informações sobre agricultura, comércio, indústria, profissões, festas cívicas, familiares e religiosas; vícios condenáveis e virtudes desejáveis; invenções como telefone ou eletricidade, etc., abordados de forma a exaltar sentimentos patrióticos e nacionalistas.

Trabalhar suas temáticas, nos anos 30/40, permitiu penetrar nas questões educacionais do passado, dimensionando seus principais problemas, apreendendo concepções teórico-metodológicas, posturas políticas e intervenções nos espaços de ensino público/privado. Trabalhar este material daqueles anos, ainda significou resgatar memórias e experiências pedagógicas desenvolvidas nas tramas do fazer educacional, para interpretá-las à luz do presente.

Na questão das inter-relações entre família e sociedade, convém ter presente, conforme reflexões de Chauí² e de Heller³, que no convívio familiar se constitui um destino comum, além deste apresentar-se como ambiente propício para o desenvolvimento e fixação de condutas, valores ou pressupostos ideológicos, pois é no fazer de todos os dias que surgem, modificam-se, reafirmam-se ou desaparecem idéias, atos e relações sociais.

Partindo destas perspectivas, esta pesquisa procurou compreender como, nos anos em foco, foram promovidos diretrizes e laços para constituir uma família brasileira voltada para o trabalho produtivo, cooperação e harmonia social.

2. “É na família que se constitui um destino comum, que se elabora um saber sobre o espaço, o tempo, a memória, a transmissão de conhecimentos e informações(...)é na família que se elabora um conhecimento crítico da sociedade, uma avaliação das classes sociais, as dimensões do espaço social e do tempo histórico, da condição do presente e das possibilidades de modificá-la.” Chauí, Marilena. *Conformismo e Resistência*. São Paulo, Brasiliense, 1986, p.144.
3. Heller, Agnes. *O cotidiano e a História*. SA, Paz e Terra, 1985, pp.889-90. Conforme esta autora, tradicionalmente “os filhos imitavam os pais, nos seus modos de conduta e ação” orientando-se pelo passado. Com a ascensão da sociedade burguesa, a orientação para o futuro impõe-se, e os comportamentos tendem a concentrar-se em papéis.

Os comportamentos familiares sugeridos referenciam a família padrão nuclear. Em relação à mulher seu papel é sobretudo o de esposa e mãe, dedicada e amorosa, além de ser seu dever gerenciar o lar, conforme expressa o seguinte fragmento:

O governo do lar

O professor explicou-nos, hontem que em nossa casa, que é o lar onde a família habita é necessário o governo.

Sem governo não há ordem, sem ordem não há prosperidade.

O papae e a mamãe governam o lar.

O papae antes de sahir, de manhã, declara os serviços que devem ser feitos por sua ordem: levar a correspondência ao correio e a retiral-a, ir buscar o necessário aos trabalhos que executa em casa, dar recados(...)

A mãe dá ordens aos creados para terem prompts o almoço e o jantar a hora certa, manda fazer compras, cuida do asseio e da ordem da casa (...) enfim, tudo quanto diz respeito aos trabalhos internos do lar se realiza por ordem da mamãe...⁴

Mesmo em situações tão distintas de escrita e de estilo, o padrão familiar permanece, com destaque dos papéis tradicionais do pai provedor e da mãe dedicada. Porém, na expressão do governo do lar, a família moderniza-se, apresentando-se como espaço social racionalizado, com divisão de funções e poderes. O pai é o gerente, que através de suas especificações garante a ordem e a prosperidade do lar, apesar de não administrar as tarefas domésticas, que estão sob orientação da mãe. A esta correspondem as preocupações com ordem e asseio, indícios e propostas para a denominada vida sadia, moderna, civilizada. O que está evidente, apesar de velado, é um registro de hierarquização social para todos os membros, definindo papéis de mando e de subordinação. Ao que tudo indica, reconstituíam-se e consolidavam-se as relações de poder na sociedade, às quais, não ficam imunes as relações de gênero, que são intencionalmente delimitadas no lar e conseqüentemente na sociedade como um todo ao especificar que “pertence à mulher entreter a ordem e o asseio doméstico”.

O Homem e a mulher

Incumbe ao homem manter e defender sua família; pertence à mulher entreter a ordem e o asseio doméstico, educar seus filhos e dar conselhos a seu marido.

4. Caramelli, José. *O nosso governo...* São Paulo, Livraria, Zenith, 1926, pp.7-8.

O homem é o chefe da família e como tal devemos respeitá-lo; mas ele deve toda a dedicação, o maior afeto à sua mulher, que é muitas vezes mais prudente e sábia do que ele...⁵

Como ficou explicitado, a sabedoria a prudência feminina estavam em manter o asseio e a ordem domésticas, em educar os filhos e dar conselhos ao seu marido. Não cabia a mulher alçar vôos próprios, em busca de realizações pessoais, com desempenhos além dos permitidos e valorizados como os de esposa e mãe. Para fixação dessas posturas foi sugerida, para cópia, a seguinte frase “A mulher deve ser o anjo do lar”.⁶

Esta imagem da mulher como sustentáculo da ordem privada e pública foi reiterada em carta de uma mãe, transmitindo tradições e atitudes patrióticas ao seu filho.

Perguntou-me outro dia por quem chamavam São Paulo de ‘gloriosa terra dos bandeirantes’.

(...) não deves ignorar, meu filho, que foi de São Paulo que surgiram os primeiros conquistadores do sertão.

O bandeirante, trazendo em si o sangue audaz do europeu, senhor das primeiras conquistas marítimas, do índio hospitaleiro e bravo e do africano vigoroso, encarnou a raça admirável do ‘curiboca’ ou mameluco que levou suas conquistas através dos séculos (...).

Nada o detinha em sua avançada: nem os brejos pestilentos, nem o recesso medonho das florestas onde nunca penetrara um raio de sol, nem as emboscadas dos índios, nem o silvo das serpentes (...).

Ele seguia invicto, de frente erguida, despótico, violento às vezes, pelo trilho das feras, de machado em punho.

(...) Meu filho, guardas em tuas veias uma parcela desse sangue heróico e deixa-te levar por ele. Olha sempre para a frente! Caminha com passo firme pela vereda do bem, marcando com risco da própria vida todos os obstáculos que se te autolharem...”

Tua mãe.⁷

Às mulheres ficava reservado o papel de guardiãs do passado pela transmissão de determinadas tradições, assim como de preservadoras de um futuro. Nesta determinação, cabia-lhes vivenciar um processo ambíguo, incentivando a perpetuação de memórias e de formas de submissão em que são o principal alvo.

5. Ribeiro, Hilário. *Segundo Livro de Leitura*. 168ª ed., Francisco Alves, 1945, pp.80-81.

6. Idem, *ibidem*.

7. Paiva, Abel V. de Serpa e. Op. Cit., pp.169-170.

Configurada como moderna e conservadora, esta família exigia uma nova esposa, atualizada e consciente, mas nem por isso menos dedicada ao lar, ao marido e aos filhos. A maternidade racionalizada, imposta como missão, ganhou “status” de profissão, pois fundamentava-se em habilidades e qualidades especiais, que exigiam treinamento em puericultura e economia doméstica⁸. Só assim se poderia chegar ao perfil de mulher do Estado Novo, *cuidando da saúde da raça que se queria nova, viril e saudável*”.⁹

Neste sentido, vale salientar um livro didático destinado a alunas do magistério. Apresentando, através das orientações de um médico a sua filha órfã, lições de puericultura *seguras e práticas* para os primeiros cuidados de alimentação e higiene dos recém-nascidos, exaltou a maternidade para as alunas, futuras professoras e mães.¹⁰

Para a família dos trabalhadores foram dedicados textos que induziam à conformidade social, de acordo com a história: *Os chinelinhos de Laura*. Narrando que Laura, uma menina muito pobre, ao ver um par de chinelos *de veludo azul, com florzinhas de ouro e forradas de seda*, fora possuída pelo desejo imenso de tê-los; o foco concentrou-se nas atitudes da mãe: além de aconselhar, “êsses chinelos, minha filha com certeza não foram feitos para os pés de gente pobre...” propôs que a filha a ajudasse nas costuras, evitando de pagar a auxiliar e poupando dinheiro para a compras dos chinelos. Todavia após 20 dias em que mãe e filha multiplicaram-se em esforços de trabalho,

(...) os pés de Laura, nus, afeitos ao trabalho na horta, de tornozelos grossos e artelhos deformados, não entravam (...) um desconforto imenso pairou-lhe no semblante.
Sentiu-se tão mesquinha, tão acabrunhada!
De que lhe valera tanto trabalho! (...)
Tinha razão a mãe, quando lhe dissera que aqueles chinelinhos não tinham sido feitos para os pés de gente pobre...
Fora grande a decepção, mas reagiu!
(...) que lucraria eu se os comprasse. Acabariam todos por achar ridículos os meus pés naqueles chinelinhos bordados a ouro... Depois o que não se pode ser, não pode ser!
Acabou-se!

8. Estas questões são discutidas no estudo de Oliveira, Sueli Tereza. *Uma Colméia Gigantesca: a Escola Profissional Feminina*. Dissertação de mestrado. PUC-SP, 1992.
9. Reis, Maria Cândido Delgado. “Crescer, multiplicar, civilizar”. In: *Revista Brasileira de História*, n° 19, São Paulo, ANPUK/MARCO ZERO, 1990, p.100.
10. Rinaldi, Guiomar. *Mamãezinha*. Op. cit.

Comprou uma boneca. Levava-a apertada nos braços três vezes orgulhosas: primeiro por ter sabido vencer corajosamente a própria vontade; segundo por ter vencido uma vaidade inútil e terceiro, porque adquirira também o que desejava, à custa do seu próprio esforço.¹¹

A mãe da classe trabalhadora também seria uma educadora moderna. Cabia-lhe, tal como as outras mães transmitir aos filhos os valores da sociedade, preparando-os para os lugares sociais mais adequados. Deveria tornar-se, assim, fiscal e guia por excelência perante a ordem vigente, na medida em que orientasse o cotidiano familiar, preparando condutas e hábitos de todos os seus membros, conforme suas condições sociais e situações de gênero.

Já o estudo da "História Pátria", apresentada naqueles livros, as mulheres não tiveram espaço nesta história, sendo esquecidas ou eventualmente lembradas como esposas e mães. Só como exceção, alguma mulher foi destacada e valorizada como vulto histórico, mesmo assim no exemplo de Maria Quitéria - *a mulher soldado*.

Numa localidade sertaneja, morava com os pais a jovem Maria Quitéria. Embora habitando um trecho longínquo do interior, ela ouviu falar da luta, e, patriota, entusiasmou-se pela causa. Entusiasmou-se tanto que, não tendo irmãos ela quis ser soldado. Não se lhe afigurava possível que sua família não enviasse também um representante para defender a pátria. Riram-se em casa dessa idéia. Os pais não deram importância.

Mas a mocinha era firme nos propósitos. Planejou a viagem à capital. Arranjou uma roupa de homem, vestiu-se, e, de madrugada, fugiu de casa.

Na capital, passando por pertencer ao sexo masculino, conseguiu alistar-se em um batalhão. Combateu. Fez o resto todo da luta e de tal modo se portou que foi promovida, pelo imperador, a alferes, sendo também condecorada.

Seu ardil foi descoberto.

Perdeu a patente de alferes, mas guardou para sempre a condecoração por atos de grande bravura.¹²

Ao focalizar uma experiência feminina, a narrativa deixou clara a lição do seu fracasso, reforçando uma imagem de mulher que deve se adequar ao espaço doméstico. Nem por patriotismo ela teve direito a um outro espaço social, pois sendo soldado, precisou mudar a sua condição feminina. Os lugares das mulheres era mar-

11. Paiva, Abel Vieira de Serpa. Op. Cit., pp.36-39.

12. Sette, Mário. *Brasil Minha Terra!* Op. cit., p.83. Este é o único livro que destaca personagens históricas femininas. Além de Maria Quitéria, ressalta Soror Angélica, figura ligada ao movimento de independência.